Artigo recebido em
27/06/2015
Aprovado em
19/08/2015

A imprensa regional e suas estratégias editoriais relativas à questão da imigração na França¹

Paula de Souza Paes

Resumo

O artigo aborda as configurações que reagrupam agentes envolvidos na publicização da questão da imigração na França. Pretende também caracterizar a rotina de seleção de informações do jornal regional *Le Dauphiné Libéré*, que ocupa uma posição privilegiada em relação aos outros meios de comunicação da região Rhône Alpes. Através de uma análise de conteúdo do jornal regional, a partir de um caso de “violência urbana” ocorrido em 2010 na cidade de Grenoble, questionamos a relação dos jornalistas locais com os interlocutores institucionais locais. Dessa forma, o artigo se interessa pelo trabalho territorial dos meios de comunicação. Partimos da hipótese de que a produção local de informações sobre a imigração revela estratégias, hábitos e normas profissionais que buscam afirmar a relação das mídias locais com os territórios onde elas atuam.

Palavras-chave

Imigração, Imprensa regional, Práticas jornalísticas, Normas profissionais.

Abstract

The article discusses the configuration that agents are involved in publicizing the issue of immigration in France. The article also intends to characterize the routine selection of information by the regional newspaper *Le Dauphiné Libéré*, which occupies a privileged position in relation to other medias of the Rhône Alpes region. Through a regional newspaper content analysis from a case of “urban violence”, occurred in 2010 in the city of Grenoble, we discuss the relationship of local journalists with local institutional agents. The article concerns the territorial work of the media. We start from the hypothesis that the local production of information on immigration reveals strategies, habits and professional standard that seek to affirm the relationship of local media with the territories where they work.

Keywords

Immigration, Regional press, Journalistic practices, Professional standards.

¹O artigo foi escrito em francês e apresentado nessa mesma língua no III Colóquio Internacional MEJOR – Os Silêncios do Jornalismo, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), nos dias 12 a 15 de maio de 2015, sob o título de “L’invisibilisation de la question de l’immigration dans la presse quotidienne régionale: entre professionnalisme et stratégies editoriales”. Trata-se assim de um artigo modificado, já publicado nos anais desse evento.

A questão da imigração é um tema que, desde os anos 80, é considerado como um problema na França porque está relacionado à questão da segurança, da violência e da delinquência (BONNAFOUS, 1991). O processo de institucionalização de um “problema da imigração” se fortalece no período atual (DE SOUZA PAES, 2014). Durante a campanha presidencial de Nicolas Sarkozy, no início dos anos 2000, a imigração foi apresentada como uma questão de interesse geral. Em uma conferência de imprensa, em 2006, ele enfatizou: “[...] muitos franceses veem a imigração como uma ameaça à sua segurança, a seu emprego, a seu modo de vida [...] é nosso dever de lhes trazer uma resposta” (SARKOZY, 2006). De acordo com o candidato do partido de centro-direita UMP (Union pour un Mouvement Populaire), a imigração traz problemas para os cidadãos franceses. Em 2010, o posicionamento político do chefe de Estado e do governo sobre o tema imigração é realçado quando ocorrem atos de violência na área residencial chamada Villeneuve, localizada nas áreas urbanas sensíveis na cidade de Grenoble². Villeneuve é uma área residencial construída pela municipalidade socialista nas décadas de 1960 e 1970 com o objetivo de favorecer o convívio de diferentes classes sociais, evitando assim a segregação social (JOLY; PARENT, 1988). Hoje, ela tem em torno de 12 mil habitantes. Em julho de 2010, um grupo de moradores da Villeneuve incendiaram carros e trocaram tiros com a polícia após a morte de um jovem, Karim Boudouda, descendente de imigrantes³ e residente local. Ele havia sido baleado pela polícia após cometer um roubo em

um cassino em Uriage (cidade perto de Grenoble).

Durante a sua ida a Grenoble no final de julho, o Presidente da República, Nicolas Sarkozy, propõe uma mudança no Código Penal, sugerindo a remoção de cidadania francesa para os indivíduos que cometem uma infração penal. Dessa maneira, um item adicional ao projeto de lei chamado “Imigração, Integração e Nacionalidade” foi desenvolvido alguns meses depois de sua declaração⁴. O Estado impõe, portanto, uma definição dos incidentes através do reforço dos aspectos socialmente acordados ao “problema da imigração”. Eles se traduzem pela relação entre imigração e casos de violência ocorrendo em periferias. O imigrante aparece como o “culpado” no discurso de Nicolas Sarkozy enquanto que, localmente, o prefeito socialista de Grenoble, Michel Destot (1995-2014), se recusa a falar sobre a imigração ou a presença de imigrantes ou descendentes de imigrantes na área residencial. Principalmente porque a comunicação pública territorial apresenta Grenoble como uma cidade “aberta” e que promove a integração de imigrantes. Assim, o discurso do chefe de Estado é um discurso sem oposição e termina por silenciar qualquer conflito em âmbito local. O “silêncio” das autoridades locais diante do posicionamento político do Presidente se prolonga através dos meios de comunicação locais, que muitas vezes são caracterizados como legitimistas (FRISQUE, 2002).

***Le Dauphiné Libéré* e os incidentes na Villeneuve**

As diferenças entre as práticas de jornalistas nacionais e locais têm sido objeto de estudos em sociologia da mídia

²De acordo com a definição oficial, as Zonas Urbanas Sensíveis são territórios definidos pelos poderes públicos para serem o alvo prioritário da política urbana em função de considerações locais relativas às dificuldades que enfrentam os habitantes desses territórios.

³O termo “descendente de imigrante” não é definido oficialmente. Nós fazemos referência à definição utilizada pelo Insee: “é descendente de imigrante toda pessoa nascida na França tendo ao menos o pai ou a mãe imigrante”. BREEM, Yves. Les descendants d’immigrés.

Info migrations, n°15, juillet 2010. O jovem adulto, Karim Boudouda, que tinha 27 anos, era filho de pais argelinos. Seu caso corresponde assim à definição.

⁴Article additionnel au projet de loi Immigration, Intégration et Nationalité, le 20 septembre 2010. In: **L’Assemblée Nationale**, URL: <http://www.assemblee-nationale.fr/>, consultado em 15 de abril de 2012.

(NEVEU, 1999; FRISQUE, 2002). A peculiaridade dos meios de comunicação locais mais marcante nessas pesquisas é a relação muito estreita dos jornalistas locais com seus interlocutores, que eles encontram diariamente. Essa relação de proximidade envolveria cuidado profissional adicional no trabalho dos locais. Eles falam das limitações associadas a esse relacionamento próximo com os principais atores locais: a municipalidade, a polícia. Trata-se de uma relação que é tecida a longo prazo. A construção dessa relação também se baseia na “lealdade” tanto por parte do interlocutor quanto do jornalista na restituição da informação. No entanto, a relação estreita com as autoridades policiais locais pesa sobre o trabalho dos jornalistas. De acordo com a política editorial de jornais regionais, os jornalistas são convidados a estabelecer uma relação “de parceria ou mesmo consensual com as autoridades locais e de respeito das instituições” (FRISQUE, 2002, p. 370). Neste caso, é para evitar conflitos com esses agentes. Isto é o que emerge da análise do conteúdo dos artigos publicados entre 2010 e 2011 no jornal regional *Le Dauphiné Libéré* sobre incidentes na Villeneuve⁵.

No jornal, os incidentes são contextualizados por meio da história de construção da área residencial localizada na periferia da cidade de Grenoble. Eles são interpretados como o resultado de dois fatores intrinsecamente ligados: a evolução da sociedade e o fracasso do projeto de construção da Villeneuve. Para mostrar essa evolução, a postura adotada pelo jornal consiste a generalizar as características dos habitantes das ZUS, afirmando que “a população se tornou em grande maioria imigrante vinda do

Maghreb ou da África subsaariana” (“La Villeneuve”, comment en est-on arrivé là? *Le Dauphiné Libéré*, 20 de julho de 2010). No entanto, as ZUS apresentam características muito diversas e variam em função da região do país. A zona urbana sensível da área de Grenoble dispõe de 17.732 habitantes; apenas 15,3% dos habitantes são estrangeiros⁶.

Os modos de escrita observados no serviço “fait-divers – polícia” deste jornal mostra a relação que os jornalistas fazem entre a vida do jovem Karim Boudouda que morava na Villeneuve (sua história da família e seu histórico escolar) e a violência que ali ocorre (principalmente o tráfico de droga). A análise dos artigos indica um modo de escrita que consiste em se interessar pelas relações sociais. A relação entre “periferia” e “imigração” se reforça gradualmente à medida que o foco é colocado na contextualização social dos incidentes (a degradação dos edifícios, o fracasso escolar de jovens filhos de pais imigrantes, a dificuldade desses jovens de entrar no mercado de trabalho, o aumento das famílias estrangeiras monoparentais). As “violências urbanas” são consideradas pelo jornal essencialmente como uma questão política que diz respeito a um problema urbano e aos descendentes de imigrantes.

A análise das informações políticas revela dois aspectos: a informação política focaliza-se no discurso político (nos anúncios e declarações de responsáveis políticos em outros meios de comunicação ou nos comunicados de imprensa) e, portanto, ela corresponde menos a uma informação sobre a política do que sobre as diferentes reações dos “adversários” políticos. Os jornalistas acabam ecoando cada declaração ou anúncio

⁵Foram analisados, no período de 1 ano (julho de 2010 a julho de 2011), os jornais nacionais *Le Monde* e *Libération*; o jornal regional *Le Dauphiné Libéré* e a revista semanal *Le Nouvel Observateur*. No total, coletamos 232 artigos, sendo 80 artigos publicados somente pelo *Dauphiné*. Nós abordamos, neste artigo, os resultados da análise relativos ao jornal regional. A análise é fruto de um trabalho de tese, na área de informação e comunicação realizado pela autora na Université Grenoble-Alpes, intitulada “La communication publique et les pratiques journalistiques au prisme des mutations sociales: la question de l’immigration en France (1980-2010)” (DE SOUZA PAES, 2014).

⁶BERTHOLOT, Alain. Précarité dans l’agglomération de Grenoble: pas uniquement dans les zones urbaines sensibles. **Insee Rhône Alpes**, La lettre Analyses, n° 99, 2008. Disponível em: www.insee.fr/rhonealpes.

de responsáveis políticos. Os modos de coleta de informações demonstram essa observação: as informações políticas se focalizam nas mensagens destinadas para a mídia. Às vezes, o assunto relatado resume-se ao anúncio de um porta-voz. No serviço político do *Dauphiné*, os artigos são escritos após as conferências de imprensa dos partidos políticos ou a partir de declarações de políticos. Não há, portanto, uma análise mais profunda de uma situação relatada. Pode-se observar que informação política nacional e internacional é dependente da *AFP* (*Agence France-Presse*).

Os jornalistas contribuem, dessa forma, para a institucionalização do “problema da imigração”, estigmatizando tanto os imigrantes quanto os habitantes das zonas urbanas sensíveis. Essa postura é explicada pela focalização dos artigos no discurso de interlocutores institucionais, especialmente a polícia, com a qual os jornalistas locais têm contato diário principalmente através de visitas à delegacia. O jornal apresenta então uma postura institucional, favorecendo a produção de artigos sobre as atividades da polícia e as reações das autoridades locais. Isso pode ser explicado pelas características da PQR (imprensa quotidiana regional): o jornal regional “quer ser um jornal de todos” (NOYER; RAOUL, 2013) e se orienta em direção ao que dá um sentimento de pertencimento aos membros de uma cidade. Assim, os artigos publicados sobre esses eventos “despolitizam” os problemas reais enfrentados pelos descendentes de imigrantes que vivem nos subúrbios. Esse termo é aqui entendido no sentido de “neutralização”. A maneira como os incidentes são relatados na imprensa

refere-se à contextualização das situações e à procura de responsáveis ao invés de abordar explicações mais estruturais do “problema”. A neutralização também se reflete nos artigos através da falta de uma perspectiva histórica do fluxo migratório na França e das mudanças na política de imigração.

A ida do Presidente à cidade de Grenoble revela uma intenção política partidária, mesmo que ela não tenha sido abertamente exposta. Essa atitude reflete uma forte vontade política de reforçar a restrição de leis existentes sobre as condições de entrada e residência de estrangeiros e imigrantes no país. A partir dos anos 70, a política de imigração se torna mais restrita. O discurso do presidente, sobre a emenda relativa a remoção da nacionalidade francesa, prolonga um posicionamento político restritivo sobre as condições de entrada e residência no país, que remonta ao início dos anos 2000. Dessa maneira, a proposta de Nicolas Sarkozy em 2010 não é necessariamente uma ruptura com as políticas anteriores. Com a chegada de Sarkozy no Ministério do Interior, em 2002, novas leis que promoviam o desenvolvimento de uma imigração seletiva são votadas. De fato, desde 2003, projetos de lei sobre a entrada e a permanência de estrangeiros foram apresentados à Assembleia Nacional: a Lei de 26 de novembro de 2003 sobre o controle da imigração, a residência de estrangeiros na França e a nacionalidade; a Lei de 24 de julho de 2006 sobre a imigração e a integração e a Lei de 20 de novembro de 2007, sobre o controle da imigração, a integração e o asilo. Em 2010, o projeto de lei do ministro da Imigração, da Integração, da Identidade Nacional e do Desenvolvimento Solidário, Eric Besson,

é adicionado a essa lista. Então, são quatro leis em sete anos. Em geral, essas leis restringem certos direitos adquiridos, como, por exemplo, a Lei de controle da Imigração de 2003 que estipula que o título de residente só pode ser concedido a um cônjuge estrangeiro de um francês após dois anos, sendo que antes o prazo era de um ano. Assim, as decisões políticas tomadas no momento dos acontecimentos em Villeneuve devem ser entendidas em um período de tempo longo.

A escolha política do *Dauphiné Libéré* para abordar o tema da imigração é confortada pelas estratégias dos diversos atores, como o CSA (Conselho Superior do Audiovisual) e as organizações midiáticas. Políticas públicas visando à representação da “diversidade” da sociedade francesa nos meios de comunicação são implementadas pelo CSA depois dos atos de violência ocorridos em 2005 em alguns subúrbios franceses⁷ e favorecem medidas especiais para “jovens de origem imigrante”, como a criação do Observatório da Diversidade em 2007. Ele tem como objetivo formular propostas sobre todas as questões relacionadas com a diversidade nos meios de comunicação. A primeira reflexão lançada pelo Observatório foi sobre a representação das periferias na TV, como parte da luta contra estereótipos negativos. Portanto, a Comissão participa na definição de casos chamados de “violência urbana” e coloca o problema em termos de “crise” do papel social da mídia.

Grupos de mídia como a *France Télévisions* e a *Radio France* reforçam a definição dos problemas chamados de “violência urbana”, apresentando uma ação assertiva voltada para os jovens descendentes de imigrantes que vivem na periferia. Como, por exemplo, a criação

de um responsável pela diversidade e pela integração dentro dos grupos seguido pela criação, em 2009, de uma Comissão pela diversidade nos canais públicos, em decorrência de atos de violência em algumas áreas residenciais na periferia.

A interdependência dos jornalistas com seus interlocutores, principalmente líderes políticos e a polícia, e suas estratégias de comunicação são fatores que contam na constituição desse processo de invisibilização da imigração na imprensa como um problema político. Quanto à imprensa regional, a estreita relação dos jornalistas com os seus leitores e suas “fontes” é uma relação complexa que merece uma atenção especial.

A questão da proximidade entre jornalistas e interlocutores

A noção de proximidade é destacada pelos jornalistas locais como um imperativo do trabalho de um jornal regional, especialmente porque essa noção se vincula a outras, como a de laços sociais e de comunidade local. O editor-chefe do *Le Dauphiné Libéré* diz que esse jornal é um “jornal de proximidade”, contrariamente aos jornais nacionais:

Nós não somos um jornal nacional, por isso, nós nos dirigimos aos leitores de nossa área de difusão. [...] Os jornalistas nacionais não têm as mesmas pretensões que nós. Como nós temos relações privilegiadas, tentamos ter informações que outros não tenham. Nós apenas fazemos nosso trabalho (Entrevista realizada dia 27 de janeiro de 2012, tradução nossa).

⁷Durante as férias de outubro na França, um grupo de adolescentes em Clichy-sous-Bois, acabava de voltar de um jogo de futebol, quando foram perseguidos pela polícia. A polícia suspeita-os de terem cometido furtos em terreno baldio perto do terreno onde jogavam futebol. Dois desses jovens (um filho de pais vindos do Mali, o outro de pais da Tunísia) se refugiaram no telhado de um transformador elétrico EDF (Eletricidade da França) e morreram eletrocutados. A morte desses jovens provoca atos de violência cometidos simultaneamente por alguns moradores das periferias parisienses e de várias outras localizadas em outras regiões do país.

De acordo com o jornalista, a proximidade do jornal com seus leitores é definida pela zona de difusão que seria mais precisa e rigorosa do que a de um jornal nacional. Assim, ele tem uma concepção hermética do campo jornalístico, já que o divide em duas partes: de um lado os jornais nacionais e do outro os regionais. O editor-chefe reagrupa assim os jornais em categorias francesas convencionais, como se todos eles apresentassem o mesmo comportamento e a mesma política editorial.

Os jornalistas locais abordam a noção de proximidade como uma “lei” (RESTIER-MELLERAY, 2005), como um repórter do serviço “fait divers” do *Dauphiné Libéré*, que enfatiza a diferença entre os jornalistas audiovisuais parisienses e os da imprensa escrita: “A TV funciona na emergência, não tem necessariamente as mesmas fontes que nós, não tem necessariamente o mesmo conhecimento de campo, nem a mesma distância crítica” (Entrevista realizada no dia 22 de abril de 2011, tradução nossa). O editor-chefe do *Dauphiné* também acredita que a diferença de tratamento entre os dois (as mídias nacionais e locais) reside no conhecimento do território. Segundo ele, a falta de um conhecimento profundo levou a um tratamento nacional estigmatizado, como no caso dos incidentes na Villeneuve. Assim, de acordo com esse jornalista, os jornalistas nacionais estigmatizaram a cidade e a periferia de Grenoble porque eles não as conheciam:

A repórter de Grenoble que tratou desses incidentes conhecia muito bem a Villeneuve, os interlocutores, os homens políticos locais, os juízes,

os magistrados. Tem jornais nacionais que chegaram aqui em Grenoble como se fosse o Afeganistão. A gente tinha a impressão que a área foi ocupada pela polícia, então obviamente você tem aquela imagem de imediato e se você não conhece necessariamente a área... (Entrevista do dia 22 de abril de 2011, tradução nossa).

Um repórter correspondente do *Le Monde* em Grenoble também afirma que a maneira de entender as situações quando você é um jornalista em Paris ou quando você está em Grenoble é diferente. Ele toma como exemplo o artigo que ele escreveu para a revista nacional *Inrockuptibles* no momento dos incidentes em Villeneuve. Ele disse que ele tinha escrito um papel “neutro” sobre os incidentes. No entanto, o editor da revista não aceitou seu artigo. Segundo ele, sua atitude reflete uma “maneira parisiense” de ver as coisas:

O editor me disse: “Não é isso o que eu quero”. Ele estava esperando algo um pouco mais *trash*: que a Villeneuve era uma área mal falada, onde só havia bandidos que vendiam drogas (Entrevista do dia 29 novembro de 2011, tradução nossa).

A jornalista considerada “especialista” do *fait divers* no *Dauphiné* apresenta o mesmo argumento sobre os jornalistas nacionais. Segundo ela, como eles não têm uma estreita relação com as fontes e com o público, podem escrever “o que querem”. De acordo com a jornalista, os profissionais locais, em vez disso, são

mais propensos a encontrar diariamente seus interlocutores institucionais, o que provoca uma maior vigilância em suas posturas profissionais.

Ora, os jornalistas têm, dessa forma, um discurso “binário” sobre o território francês que se traduz pela oposição entre nacional e local. Tudo indica que esse discurso é uma maneira de justificar porque eles aceitam as regras do “jogo” da relação que eles mantêm com os interlocutores institucionais locais. Ele reforça a observação sobre o peso das autoridades locais no trabalho dos jornalistas, com o exemplo da “cobertura” dos incidentes em Grenoble.

A maneira um tanto mecânica com o que os jornalistas definem suas práticas também está relacionada ao aumento do peso da lógica econômica no campo midiático que se traduz pelo aumento da quota de publicidade nas receitas dos jornais (CHUPIN; HUBE; KACIAF, 2009). O discurso binário dos jornalistas locais é uma maneira de se valorizar diante do trabalho dos jornalistas que estão em Paris e de se impor no mercado competitivo. O uso de um discurso de autovalorização revela as posições desiguais ocupadas pelos meios de comunicação no setor midiático. Assim, a proximidade pode ser considerada uma norma comercial, mas também é um “argumento justificativo” (KACIAF, 2005) do interesse da mídia por situações relacionadas ao cotidiano e às experiências dos indivíduos.

A estreita relação com os jornalistas e seus interlocutores diz respeito a um jogo de relações dinâmico, uma “interdependência dos jogadores”, segundo uma expressão de Norbert Elias (1991, p. 157). De acordo com o sociólogo alemão, todas as relações humanas são

caracterizadas por um equilíbrio de forças e um conjunto de tensões que ligam os indivíduos em configuração(ões). Quando ele fala da interdependência de jogadores, ele quer dizer uma interdependência, “enquanto aliados, mas também enquanto adversários” (ELIAS, 1991, p. 157). Nós retomamos aqui essa reflexão. As relações entre jornalistas e seus interlocutores revelam essa dinâmica que pode, em um determinado momento, colocá-los em sintonia e, em outro, colocá-los em uma situação de conflito. O jornalista da *AFP* em Grenoble diz que durante a “crise” da Villeneuve, não foi difícil conseguir informações, porque as fontes de sua “rede” de contatos se disponibilizaram facilmente para falar com os jornalistas:

A polícia comunicava muito. E podemos dizer que houve quase uma espécie de jogo, uma competição entre a polícia e a justiça, porque cada um queria se mostrar o máximo possível, eles tinham que mostrar que pessoas foram presas, etc. Para mim, como jornalista, foi bem fácil, porque eles estavam competindo, eles queriam ser citados, todo mundo queria muito comunicar (Entrevista do dia 17 março de 2012, tradução nossa).

Outra jornalista local concorda e lembra que, no momento dos incidentes da Villeneuve, a polícia forneceu aos repórteres números incorretos sobre os incidentes, como o número de carros incendiados e sobre o número de prisões de jovens:

Os procuradores comunicavam muito. Houve uma comunicação

política incrível. Todas as manhãs, éramos informados que haviam tantos carros incendiados, tantos jovens que foram presos, só que o número de carros incendiados era o número de carros incendiados de todo o departamento. Na verdade, percebemos que não havia mais carros incendiados em julho do que no mesmo período do ano anterior (Entrevista do dia 17 fevereiro de 2012).

Embora os jornalistas considerem as ações e reações dos policiais e promotores “exageradas”, os jornalistas não poderiam escrever artigos ou fazer reportagens sem as declarações desses agentes. Havia muita pressão para explicar tudo o que estava acontecendo na periferia.

Os jornalistas tendem a amplificar o seu papel, alegando que os interlocutores querem a todo preço ter acesso à mídia. No entanto, os profissionais de mídia não podem controlar essa relação de força da forma como eles declaram. Os interlocutores, por sua vez, sabem que a mídia depende, especialmente em caso de emergência, das suas declarações. Isso se observa pela iniciativa da ex-Diretora Departamental de Segurança Pública durante os incidentes na Villeneuve, que decidiu fazer conferências de imprensa regulares para tentar controlar a informação, porque ela sabe que os policiais dão informações aos jornalistas de forma anônima. Ela explica, na seguinte passagem, que o objetivo durante a “crise” era de informar o mais rapidamente possível, organizando as suas intervenções públicas:

Eu tomei a decisão, nos eventos

da Villeneuve, de comunicar diretamente, imediatamente e de forma rápida, isto é, não deixar os jornalistas esperarem. Essa atitude surpreendeu alguns jornalistas, porque foi a primeira vez que eles estavam vivendo isso. Eu até marquei conferências com jornalistas e eu lhes disse: “Olha, eu não posso falar agora porque estou ocupada, mas dentro de uma hora fazemos uma conferência de imprensa” (Entrevista do dia 6 dezembro de 2011, tradução nossa).

Certamente, os eventos foram objeto de uma forte exposição política. Essas observações permitem compreender que as lógicas das práticas jornalísticas são baseadas na estreita relação entre essas últimas e as estratégias de comunicação, principalmente as da polícia (SEDEL, 2007) e do Ministro do Interior, que afeta a autonomia dos editores de redação na escolha dos sujeitos e das modalidades de produção de informação.

A maneira pela qual os jornalistas definem o exercício do jornalismo localmente e a maneira como a proximidade é sentida no trabalho diário deles manifestam lógicas profissionais que não têm uma relação exclusiva com o território em que a mídia está inserida: tratam-se de convenções profissionais, sujeitas ao funcionamento do campo, que pretendem demarcar as fronteiras entre as diferentes mídias. A relação de proximidade está relacionada com a estrutura dos meios de comunicação.

A posição privilegiada do *Dauphiné Libéré*

A estreita relação com os interlocutores

está ligada também à estrutura dos meios de comunicação “locais” e do nível deles de especialização. É o que afirma um jornalista que trabalha para a *France Bleu Isère*. A redação da rádio local é muito pequena e não é repartida em serviços, como é o caso da redação do *Dauphiné*, conforme apontamos acima na análise dos artigos. Eles são dez jornalistas (incluindo o editor) para tratar todo o departamento do Isère. Esse departamento é composto por 13 territórios ao total. Quando há um incidente, como o de Villeneuve, o primeiro jornalista que está disponível no rádio é aquele que sai para “cobri-lo”. Quando lhe perguntamos se ele tem uma relação de proximidade com a polícia, ele respondeu, fazendo referência aos jornalistas do *Dauphiné*:

Não, na verdade, nós não temos especialistas do *fait divers*. Nós não somos tão numerosos e como a gente cobre um departamento inteiro, nós somos muito menos presentes do que outros jornalistas que estão constantemente ao lado da polícia. (Entrevista do dia 29 de novembro de 2011).

O serviço “*fait divers* e Justiça” é um serviço especial em relação a outros serviços no *Dauphiné Libéré*. Além de ser o serviço com o maior número de jornalistas (quatro), tem a particularidade de permitir aos jornalistas *fait diversiers* de se mover por todo o sul do departamento (e, eventualmente, para outros departamentos). Seja qual for a localização de um evento, esses jornalistas podem intervir. A linha

editorial se impõe, portanto, sobre a dimensão territorial do jornal.

Os jornalistas entrevistados dos outros meios de comunicação dizem se inspirar dos assuntos publicados no *Dauphiné Libéré*. Localmente, ele é considerado como o meio de comunicação “referente”. O jornal é distribuído em nove departamentos: Ain, Ardèche, Drôme, Hautes-Alpes, Alpes-de-Haute-Provence, Haute-Savoie, Isère, Savoie e Vaucluse. São 22 edições e quase 300 mil exemplares por semana. No Isère, existem dois centros departamentais: no sul do Isère a direção departamental está em Grenoble; ao norte do departamento ela se localiza em Bourgoin-Jallieu. Essa disposição indica o peso de Grenoble em comparação com outras cidades e municípios.

O editor do canal privado local chamado *Télé Grenoble*, sublinha que: “Quando a gente fica sabendo de uma informação é, muitas vezes, através do *Dauphiné Libéré*” (Entrevista realizada no dia 25 de novembro de 2011). *Télé Grenoble*, inaugurada em 2005, tem uma pequena redação como a estação de rádio *France Bleu Isère*. Ela é composta por cinco jovens jornalistas (entre 25 e 35 anos) e cerca de cinco *freelancers* regulares que trabalham um ou dois dias por semana. Não há jornalistas especialistas: cada jornalista trata todo o tipo de assunto. A relação de proximidade com os interlocutores é, portanto, diretamente relacionada ao número de jornalistas que compõe uma redação.

A disposição do campo midiático francês permite também compreender a relação entre a posição ocupada por um veículo e a produção de informação.

A chegada de jornalistas parisienses em Grenoble para tratar os atos de violência não pode ser explicada por um suposto interesse dos leitores. Algumas cidades são menos “privilegiadas” quanto ao número de equipamentos de comunicação e, portanto, quanto ao número de jornalistas empregados. Em Grenoble, não há um escritório do canal de televisão, *TF1*, por exemplo, como existe em Marselha, cidade localizada no sudeste da França. A relação da mídia com os territórios é muito mais complexa do que os jornalistas declaram. A concentração de equipamentos de comunicação nos principais centros urbanos diz respeito a estratégias territoriais que são inerentes à dimensão comercial dos meios de comunicação. No entanto, os jornalistas não apresentam a relação do meio de comunicação com o território onde trabalham em termos de estratégia comercial. Esses profissionais são dotados de fortes aspirações democráticas que sustentam a concepção do jornalismo, tais como o papel social dos meios de comunicação de dar “voz” às classes populares. A forma como os jornalistas veem o seu papel na produção de informações manifesta lógicas e estratégias profissionais que repousam em ideais democráticos (RUELLAN, 2007). As declarações dos jornalistas revelam, assim, hábitos e normas profissionais que mostram o processo de invisibilização da questão da imigração na França enquanto uma questão política.

Referências bibliográficas

BONNAFOUS, Simone. **L’immigration prise aux mots**. Paris: Editions Kimé, 1991.

CHUPIN, Ivan; HUBE, Nicolas; KACIAF, Nicolas. **Histoire politique et économique des médias en France**. Paris: Editions la Découverte, 2009.

DE SOUZAPAES, Paula. **La communication publique et les pratiques journalistiques au prisme des mutations sociales: la question de l’immigration en France (1980-2010)**. 2014. 486f. Tese (Doutorado em ciências da informação e da comunicação) - Universidade Grenoble 3-Stendhal, Grenoble, 2014.

ELIAS, Norbert. **Qu’est-ce que la sociologie?** La Tour-d’Aigues: Éditions de l’Aube, 1991.

FRISQUE, Cécolène. **L’activité journalistique au quotidien**. Travail relationnel, identitaire et rédactionnel des journalistes de la presse quotidienne régionale. 2002. 922f. Tese (Doutorado em ciências políticas) - Université Paris-X Nanterre, Faculté de Droit et Science politique, Paris, 2002.

KACIAF, Nicolas. “Parle-moi de moi. Il n’y a que ça qui m’intéresse”. Les implications idéologiques d’un impératif de proximité. L’exemple du “Treize heures” de TF1. In: LE BART, Christian; LEFEBVRE, Rémi (dir.), **La proximité en politique**. Rennes; PUR,

2005, p. 271-284.

JOLY, Jacques; PARENT, Jean-François. **Grenoble de 1965 a 1985**. Paysage et politique de la ville. Grenoble; PUG, 1988.

NEVEU, Erik. Médias, mouvements sociaux, espaces publics. **Réseaux**, vol. 17, n° 98, p. 17-85, 1999.

NOYER, Jacques; RAOUL, Bruno. Le “travail territorial” des médias. Pour une approche conceptuelle et programmatique d’une notion. **Etudes de communication**, n° 37, 2011. Disponível em: /index2933.html. Acesso em: 29 de maio de 2012.

RESTIER-MELLERAY, Christiane. La proximité dans les médias: retour sur une “loi”. In: LE BART, Christian; LEFEBVRE, Rémi (dir.), **La proximité en politique**. Rennes: PUR, 2005, p. 251-270.

RUELLAN, Denis. **Le journalisme ou le professionnalisme du flou**. Grenoble: PUG, 2007.

SARKOZY, Nicolas. **Conférence de presse sur l’immigration**. Paris, le 11 décembre 2006. Disponível em: <http://www.interieur.gouv.fr/Archives/Archives-de-Nicolas-Sarkozy-2005-2007/Interventions/11.12.2006-Conference-de-presse-sur-l-immigration>. Acesso em: 13 de julho de 2013.

SEDEL, Julie. **La banlieue comme enjeu de lutte symbolique. Contribution à l’étude des relations entre médias et champs sociaux**. 2007. 267f. Tese (Doutorado em sociologia) Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales. Paris, 2007.

Estudos em Jornalismo e Mídia está sob a licença Creative Commons 2.5